

Adolescentes cariocas e a leitura ¹

Isabel TRAVANCAS²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar as primeiras reflexões de uma pesquisa sobre a experiência da leitura entre jovens adolescentes do Rio de Janeiro. Na primeira parte, apresento o universo da pesquisa, discuto a questão da juventude e da adolescência através de uma breve revisão bibliográfica e levanto questões sobre as relações do grupo com os livros, a leitura e as novas tecnologias. Na segunda etapa, problematizo o campo estudado, as dificuldades do trabalho com adolescentes e trago os dados da etapa quantitativa da pesquisa. Por fim, faço uma análise das sete primeiras entrevistas realizadas com estudantes da zona sul da cidade e concluo que, mesmo sendo a leitura prazerosa para alguns jovens, ela ainda está muito associada a uma obrigação escolar.

Palavras-chave: adolescentes; livro; leitura; escola.

Introdução

Meu objetivo com este artigo é apresentar a fase inicial de uma pesquisa sobre a relação de um grupo específico de adolescentes do ensino fundamental e médio do Rio de Janeiro com a leitura e com os livros, em uma primeira etapa e, em seguida, investigar como interagem com os produtos derivados de alguns dos livros mais vendidos, como *Harry Potter* e *Crepúsculo*, assim como os filmes, blogs e fóruns de discussão na internet sobre o tema.

Para isso selecionei adolescentes de escolas públicas e particulares da Zona Sul, do centro da cidade do Rio de Janeiro e do município de Nilópolis, na zona oeste do estado do Rio de Janeiro, procurando formar dois subgrupos distintos em termos de origem e classe social. Meu intuito é analisar o discurso dos estudantes moradores de subúrbios cariocas, pertencentes às camadas médias baixas ou camadas populares, e também jovens residentes na zona sul do Rio, mais próximos da elite econômica e intelectual, mas também membros do universo de camadas médias urbanas. É importante salientar que entendo a definição de camadas médias como algo mais abrangente e complexo do que classe social, e considero ser possível encontrar semelhanças e parâmetros entre os indivíduos deste grupo.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora adjunta da Escola de Comunicação da UFRJ. email: isabeltravancas@yahoo.com

Dentro deste universo mais amplo de camadas médias e populares, decidi investigar adolescentes entre 13 e 17 anos, levando em conta a afirmação de P. Bourdieu de que as divisões entre as idades são arbitrárias e que a juventude, assim como a velhice, não é dada, mas construída socialmente na luta entre velhos e jovens. Será necessário pensarmos não em juventude, mas em juventudes, não em adolescência, mas em adolescências, e os estudantes poderiam ser entendidos como um segmento desta categoria mais abrangente. (BOURDIEU, 1983)

A definição de estudante denota também uma característica muito associada ao jovem que é estar num lugar transitório, em uma situação intermediária: nem criança nem adulto. O estudante do ensino médio não é criança, já se afasta da infância e começa a pensar em uma escolha profissional. Helena Abramo em seu trabalho sobre punks e darks, afirma que a condição juvenil é por excelência a condição estudantil, como um setor particular que pode permanecer de fora do processo produtivo e do sistema de valores constituídos. (ABRAMO, 1994, p. 20),

Escolhi fazer esta investigação centrada em dois grupos distintos por acreditar que a perspectiva comparativa será rica para entender e nuançar as relações com o livro e outras mídias em contextos sócio-culturais diversos. A permanência na escola nos dois grupos já é um fator importante na medida em que a evasão escolar cresce no Brasil no ensino médio, principalmente no ensino público. Muitos jovens querem e precisam trabalhar e são obrigados a priorizar seu sustento e não seu aprendizado.

Por outro lado, a adolescência como fase de transição dentro de um ciclo mais amplo de mudanças que é a juventude, coloca muitas questões. Trata-se de um período de descobertas. Sexuais, intelectuais, afetivas, profissionais. O psicanalista Contardo Calligaris em seu livro *Adolescência* afirma que:

em outras culturas o equivalente da adolescência é um rito de iniciação, eventualmente acompanhado de provas. Por mais duras que possam ser, elas serão sempre mais suportáveis do que a indefinida moratória moderna. (CALLIGARIS, 2000, p. 18)

Para ele, a moratória da adolescência nas sociedades ocidentais modernas é conseqüência das diversas indefinições, como o que é um homem, uma mulher ou um adulto. Calligaris define o adolescente como alguém cujos sentimentos e o comportamento são obviamente reativos, de rebeldia a uma moratória injusta; que tem o inexplicável dever de ser feliz, pois vive uma época da vida idealizada por todos; que não sabe quando e como vai poder sair de sua adolescência. (CALLIGARIS, 2000, p. 21)

Outra ideia que direciona este estudo é o fato de o livro poder ser para alguns jovens deste grupo, não uma fonte de entretenimento, diversão ou prazer mas, ao contrário, algo entediante, chato e extremamente ligado ao ensino e ao dever escolar. É portanto, foco desta pesquisa aprofundar estas percepções do livro, seus significados e vivências. Ao lado desse aspecto, procurarei, através da pesquisa de campo e das entrevistas em profundidade ampliar a percepção do livro para os universos familiar e social dos adolescentes estudados. Tentarei averiguar se suas famílias são leitoras, se há livros em suas casas e qual a relação que estabelecem com este objeto. Um objeto carregado de significados, negativos e positivos, certamente.

Acho importante também avaliar quais as relações que estes jovens estabelecem entre literatura e cinema, livros e computadores. Sabemos que os grandes grupos econômicos ampliaram seu leque de opções, trazendo conteúdos em diferentes suportes ou plataformas. O caso de *Harry Potter* é exemplar. Há produtos que são criados para atuarem simultaneamente em mídias distintas como livro, o filme, o jogo de computador e os portais da internet, como destacou Sílvia Borelli (BORELLI, 2007). Estamos falando, portanto, do potencial da convergência midiática. Será fundamental descobrir o quanto dessa convergência aparece no discurso dos adolescentes. É o mesmo público que lê o livro, vê o filme, compra o jogo e acessa blogs e discute seu conteúdo em fóruns?

Assim, creio que será necessário também ampliar ao máximo a compreensão do consumo cultural destes adolescentes assim como suas relações com as novas tecnologias como celulares, ipod, itouch, iphone, entre outros.

Em termos de metodologia creio que além de uma primeira etapa mais quantitativa com a aplicação de questionários nas escolas, a observação participante e as entrevistas em profundidade serão elementos preciosos na percepção que os adolescentes aqui selecionados tem do livro, da leitura e das outras mídias. Será possível afirmar que o livro não é referência para os adolescentes? Qual o tipo de contato que estabelecem com esse objeto/produto a partir da escola? Qual a leitura que os estudantes de escolas públicas e particulares fazem dos textos ficcionais? E ainda, qual a relação que esta interpretação tem com seu *ethos*, seu estilo de vida e perspectiva diante do mundo? Paralelamente investigarei a relação desses jovens com suas outras formas culturais como audiolivro, filme, jogo eletrônico, blogs, fóruns e outras redes sociais. Como se relacionam com essas outras mídias.

O campo e suas particularidades

Fazer pesquisa com adolescentes tem particularidades e me perguntava no início como chegaria a estes jovens de diferentes regiões do Rio, uma vez que não tenho contato tão estreito com esse universo. Decidi repetir a estratégia que utilizei em minha pesquisa sobre recepção do *Jornal Nacional* (TRAVANCAS, 2007) com estudantes universitários cariocas. Selecionei cinco escolas distintas, três públicas e duas particulares, duas de Nilópolis (uma pública e uma particular), duas (uma pública e uma particular) da zona sul e uma pública do Centro. Foram contatadas através de minha rede de relações pessoais com professores e coordenadores que conhecia e se dispuseram a me ajudar na pesquisa, para aplicar questionários sobre o livro e a leitura. Neste a última questão seria se gostariam de participar da segunda fase da pesquisa quando seriam entrevistados. Ao longo de 4 meses fui nas escolas em diferentes horários e turmas e reuni mais de 250 questionários. Fui em 2 turmas de cada escola, em algumas do ensino fundamental e em outras do ensino médio, explicando o que era a minha pesquisa e conversando sobre o livro e a leitura em suas vidas. Foram contatos muito diferentes entre si, divertidos muitas vezes, frequentemente tumultuados, mas sempre enriquecedores. Vale destacar que a entrada nas escolas particulares sempre foi diferente das públicas. Nas primeiras além de agendar minha visita também passava pela portaria, sendo adotados todos os cuidados em termos de segurança. O mesmo não ocorreu, ao menos com a mesma intensidade, nas diferentes escolas públicas, onde rapidamente fui identificada como ãa professora da UFRJ que está fazendo pesquisa na escola. Esse fato era interpretado como um dado de prestígio para a escola e muitas vezes fui apresentada aos diretores e a outros professores. Nesse e em outros momentos foi inevitável lembrar o texto clássico do sociólogo francês Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1975) sobre escola na França e seu papel de reprodução e dominação.

À medida que recebia os questionários, começava a entrar em contato com os estudantes interessados em ser entrevistados. Aqui vale uma primeira observação. Em 5 escolas o questionário aplicado foi idêntico e esta última pergunta era seguida de nome completo, email e celular. Apenas uma escola particular da zona sul do Rio me solicitou que retirasse esses pontos e realizasse as entrevistas no espaço da escola e em horário de aula. Compreendi perfeitamente o cuidado da escola, ao mesmo tempo em que ia percebendo as especificidades de uma pesquisa com adolescentes. Comecei as entrevistas e logo entendi que seriam muito mais curtas do que desejava e mesmo esperava. Foram feitas em grande parte no horário de recreio, em intervalos entre aulas ou graças à liberação de um

professor autorizava o aluno a se ausentar da sala. Isso acabou acontecendo em todas as escolas. E aqui uma segunda observação. Só realizei uma entrevista na casa de aluno. Foi de uma menina residente em uma comunidade em Laranjeiras. Isso por que o contato pessoal se mostrou mais difícil e complexo do que imaginava inicialmente. Comecei enviando emails. E ao longo de mais de uma semana obtive apenas uma resposta e negativa. Muitos não acessam email com frequência, nem tinham um computador só para si. A segunda tentativa foi ligar para os celulares. Muitos não atendiam, não retornavam, eram celulares de pai, mãe ou avó que ficavam surpresos com a ligação. Feito o contato, todas as tentativas de realizar entrevistas nas casas fracassaram. Levei ôbolos, foram desmarcadas em cima da hora ou não retornavam para confirmar. Com isso, quase todas as entrevistas foram feitas nas escolas e com uma duração bem menor do que a prevista.

Os questionários

Enquanto fazia as entrevistas o estatístico Favio Toda tabulava o questionário para elaboração de gráficos e de um relatório com os dados presentes no mesmo. Ele tratou, portanto, de 222 questionários, eliminando quase 30 por que serem de alunos com mais de 20 anos ó principalmente de uma escola de ensino médio noturno ó e que estavam fora do escopo da pesquisa, ainda que tivessem respondido o questionário e muitas vezes informado que gostariam de participar da etapa seguinte.

Principais dados:

51,6% homens e 48,4% s mulheres.

Idade

A média de idade foi 14 anos, tendo estudantes com 10 anos e alguns com pouco mais de 17.

Nível

71,6% estão no ensino fundamental

28,4% no ensino médio.

Leitura

67,6% afirmaram que costumam ler,

9,9% não

22,5% não responderam.

Frequência de leitura

31,5% disseram que leem todo dia,
18,5% uma vez por semana,
27,9% várias vezes na semana
7,7% só no fim de semana
9,5% uma vez por mês
3,2% uma vez por ano
1,8% não respondeu.

Gosto

Livro 41,4%,
Sites na internet com 32,0%
Revistas com 16,7%
Jornais 9,5%
Blogs 4,5%.

Escolha

Através da internet com 56,3%
Amigo indica com 46,8%,
Na biblioteca, na banca ou no sebo 39,2%; pai ou mãe 34,2%,
Na televisão 30,2%,
Anúncio 26,1%
A professora indica 22,1%.

Em uma primeira e rápida análise dos dados ficou claro que mais da metade afirma ler todo dia e que o livro e a internet são as principais fontes de leitura, sendo esta última também usada como referência para sugestão de livros. As entrevistas vão poder ampliar estes dados.

Entrevistando adolescentes da zona sul do Rio

Realizei até o momento 31 entrevistas que estão sendo transcritas. Vou me deter aqui nas primeiras sete e expor algumas reflexões sobre elas. Estas reflexões foram enormemente influenciadas por dois trabalhos que, a meu ver, são referência para os estudos sobre a leitura e sobre os jovens. São as pesquisas da socióloga Ecléa Bosi (BOSI, 2009) - *Cultura de massa e cultura popular ó leituras de operárias* e da antropóloga francesa Michèle Petit (PETIT, 2008) ó *Os jovens e a leitura* -. A primeira é uma pesquisa

de 1972 realizada com mulheres operárias de uma fábrica de São Paulo e a segunda é um estudo com jovens de bairros urbanos marginalizados na França, feita no início do século XXI.

Todas as sete entrevistas que fiz foram realizadas na biblioteca da escola particular com estudantes que tem 12,13 e 14 anos e tiveram duração entre 20 e 40 minutos, muitas no horário do recreio, várias com muito ruído e sem nenhuma privacidade. Destaco esses aspectos por sua relevância nesse primeiro contato individual. Alguns falaram bastante, mas não a maioria. Muitos estavam apreensivos com a ideia de serem entrevistados e outros queriam muito saber para que serviria seu depoimento. Eu, do outro lado, estava muito curiosa para ouvi-los e saber o que pensavam sobre o tema.

Lembrei de minha experiência como jornalista décadas atrás e pensei nas diferenças da entrevista para uma pesquisa antropológica. Nesta última a entrevista é aberta, ou seja, novas questões podem ser levantadas, tanto pelo entrevistado, quanto pelo entrevistador. A princípio tudo que está sendo dito interessa e é importante por que ajuda na compreensão do entrevistado, do grupo a que pertence e das lógicas da sua cultura. As entrevistas costumam ser longas, têm várias horas de duração, podem ser realizadas em vários encontros em dias e locais diferentes e têm muitas vezes a função de contar histórias de vida. E começam do começo. Nascimento, data, local, dados biográficos do entrevistado e de sua família. E neste tipo de entrevista o pesquisador não inquirir seu entrevistado, não julga seu discurso, suas atitudes, suas escolhas. Ele escuta. Ele não está em busca de uma resposta verdadeira, objetiva. O próprio fato de um entrevistado não querer responder a uma questão, por exemplo, pode dizer tanto dele e de sua visão de mundo, quanto uma resposta.

Como salienta a pesquisadora,

O essencial ao se fazer uma entrevista é ser o mais acolhedor possível. As digressões que nem sempre tem uma ligação aparente com o assunto, são, na realidade, associações livres que fazem sentido. E a partir do que diziam nossos interlocutores, do que parecia organizar sua forma de falar, improvisávamos perguntas em função de hipóteses que surgiam *in situ*, e nas quais entrava uma dose de intuição. E é preferível esquecer um tema listado no roteiro inicial a não escutar o imprevisto. Aliás, sempre deixo de lado esse roteiro no momento da entrevista. Senão, nada se aprende além do que já se sabia. (PETIT, 2008, p. 55)

Sábia antropóloga.

Mas isso não foi fácil com os adolescentes. Foram poucos os que estabeleceram uma relação mais à vontade comigo. Muitas respostas eram monossilábicas como ãoã seiõ ou

õ não lembro. E sabemos que não saber significa algo, assim como não lembrar. Pode ser desinteresse, esquecimento ou mesmo não fazer parte dos seus pensamentos e por isso não ter muita importância. Quando digo que não lembro o título do livro ou de seu autor, não é apenas a memória que está em jogo. Mas isto expressa o quanto esse título ou esse autor não foi muito pronunciado. Mesmo os adolescentes que leem, muitas vezes não conversam sobre o leem. Vamos aos depoimentos deles.

N. tem 14 anos, mora com a avó e o que mais gosta de fazer em seu tempo livre é jogar e ler. Mas diz que não gosta de ler forçado, ler por obrigação algum livro da escola. Prefere ler quando tem vontade. Esse aspecto da liberdade para escolher o que, quando e como ler aparece nos depoimentos de vários adolescentes. Aqui já fica evidente o quanto estão inseridos dentro de uma perspectiva individualista, que valoriza a subjetividade e a escolha, muito presentes em camadas médias, como bem destacou o antropólogo Gilberto Velho (VELHO, 1989) em seus estudos sobre este segmento em sociedades urbanas e complexas.

Claro que essa ideia de liberdade também está diretamente associada à juventude, ao desejo de romper com padrões e modelos e a imagem do adolescente está muito ligada à de alguém que não quer se submeter à ordem e à lei. Não é à toa que são vistos como rebeldes por não se conformarem com as regras impostas, em particular pelos pais e pela escola. Ler obrigado, mesmo para os que gostam de ler, é uma dificuldade. Mesmo quando afirmam que gostaram dos livros selecionados pelo colégio, o que nem sempre acontece. N. compra livros com frequência, vai a livrarias com a avó e tem uma estante cheia deles no seu quarto. E ganha livros da família com frequência. Ou seja, se nota o quanto o livro tem um valor simbólico dentro deste contexto familiar. Ele é valorizado e reconhecido como presente. Este dado é interessante por se contrapor a um dado macro sobre a sociedade brasileira que apareceu na pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (AMORIM, 2008). De acordo com os questionários 85% dos não leitores nunca foram presenteados com livros na infância. Ou seja, o livro não é considerado um presente, algo que uma criança deva ganhar, mereça ou vá gostar. É inevitável lembrar do texto clássico do pensador francês Marcel Mauss (MAUSS, 1974) *Ensaio sobre a dádiva* onde ele analisa o significado de dar, receber e retribuir como elementos fundadores da vida social. A antropóloga Maria Claudia Coelho (COELHO, 2006) em um estudo sobre a dádiva na sociedade brasileira destaca o quanto os presentes são vistos como meios de comunicação e possibilitam dar visibilidade a estados afetivos. E os afetos se expressam e são lidos por muitos grupos

através do valor do presente e de seu significado como ãé a sua caraõ, ãé uma lembrancinhaõ. Isso me faz pensar na ausênciã do livro dentro da categoria presente. Nãõ leitores certamente nãõ pensarãõ nele como um presente desejãvel, isso sem entrarmos no mériãto da existênciã de livrariãas e pontos de venda de livros em vãrios municĩpios brasileiros.

Segundo dados desta pesquisa realizada em 2007 pelo Instituto Pró-Livro (AMORIM, 2008, p. 27) existem no paĩs 95 milhões de leitores e 77 milhões de nãõ leitores e a mĩdia de livros lidos por habitante, ao longo de um ano estã em torno de 1,2 (sem contar com os escolares) 4,7 livros (incluindo os escolares). Ela foi feita em todo paĩs, em 311 cidades onde foram aplicados 5.012 questionãrios. Foram considerados leitores aqueles que, no momento da entrevista, afirmaram ter lido pelo menos um livro nos trẽs meses anteriores.

Voltando aos meus entrevistados, percebi que frequentar a biblioteca nãõ é um hãbito. Um deles afirma: ãEu nãõ vou a biblioteca. Eu normalmente pego livros de casa. Antes a gente era obrigado a pegar livro na biblioteca e eu nãõ gostava muito. Por que nãõ me interessava, mas eu tinha que pegar um livro.õ Mesmo para leitores a biblioteca nãõ é um lugar onde vãõ, nãõ tem curiosidade de ver que livros chegaram, nem passar um tempo lã. Isso demonstra o quanto o espaço da biblioteca mesmo em escolas particulares, nãõ é visto como um lugar de lazer, um espaço prazeroso, onde acontecem atividades interessantes. A exceçãõ é L., de 13 anos que conta que, no ano anterior, foi muito à biblioteca porque a professora fazia um trabalho lã. ãA cada 15 dias vocẽ tinha que pegar um livro, ler e fazer um trabalho sobre eleõ, lembra ela.

Como N., I. de 12 anos, nãõ costuma ir à biblioteca. Diz que nãõ gosta de pegar livro lã por que prefere ter o livro e cuidar dele, diferentemente de outros colegas que estragam os livros. E alĩm de ganhar livros, cresceu em uma famĩlia leitora. Fala com certo orgulho que seu pai lẽ muito, todos os dias, muitos livros em inglẽs, de ãestudoõ, que enchem a casa. Jã sua mãe nãõ lẽ tanto quanto ele.

Um dos tĩtulos citado em vãrias entrevistas é *Querido Diãrio Otãrio*³ I. jã leu vãrios da coleçãõ que é um sucesso. É um *best-seller* internacional e jã vendeu milhares de exemplares em vãrios paĩses. Os livros para o pĩblico adolescente fazem parte de um segmento que tem crescido muito e nãõ apenas no Brasil. A sãrie *Harry Potter* de J. K.

³ Trata-se de uma sãrie de livros infãnto-juvenis do escritor e ilustrador norte americano [Jim Benton](#), publicada pela editora [Scholastic](#). No Brasil a sãrie comeou a ser publicada pela Editora Fundamento em 2007 e jã tem 10 volumes.

Rowling e mais recentemente os livros sobre vampiros como *Crepúsculo* foram um estrondoso sucesso para além dos próprios livros com filmes, DVDs, produtos diversos e, no caso do *Harry Potter*, até Parque Temático. Mas I. diferentemente de outros estudantes da sua idade não faz parte do universo de fãs. “Eu nunca gostei muito de *Harry Potter* e *Crepúsculo*. E esse ano o novo *Jogos Vorazes* também não gostei. *Nárnia* foi assim, por acaso. Eu gostava mais de princesas...”

A força destas obras que alcançaram um lugar de destaque em culturas muito distintas, exatamente em um momento em que se afirma tanto que os jovens não leem, que veem muito mais televisão ou passam mais tempo conectados ao computador, exige leituras mais complexas e refinadas para entender esses fenômenos. Neste artigo não me deterei nesta questão que é relevante e merece uma análise mais minuciosa.

E se o que o leem importa e muito, também me interessa saber como leem, onde leem e em que suportes o fazem. Deste pequeno universo carioca da zona sul, de camadas médias e altas, ninguém lê em Ipad ou kindle. Nenhum dos estudantes possui um e os que os pais tem não usam para leitura. Este dado me parece importante, ainda que o grupo seja reduzido, porque ajuda a pensar que a disseminação dos *tablets* e a leitura em outras plataformas não está tão disseminada quanto muitas vezes se supõe.

A leitura para I. e para vários outros adolescentes está estreitamente ligada ao universo doméstico, da intimidade da casa, mais especialmente do quarto. A maioria gosta de ler deitada na cama, antes de dormir. A necessidade de silêncio para leitura é um outro aspecto interessante e que nos permite pensar nas particularidades da leitura no Brasil. Em países onde a leitura está amplamente disseminada como a França e a Argentina, por exemplo, a leitura nos meios de transporte é muito mais intensa do que no Brasil. A familiaridade com o livro, seja como objeto, seja como suporte para a leitura, não exige um lugar especial para se realizar. Nem muito confortável, nem silencioso.

Ao mesmo tempo, para muitos esta hábito de leitura noturna e na cama, remete a uma prática desenvolvida por vários pais de contar histórias ou ler livros para seus filhos antes de dormir. É o caso de P. de 13 anos que lembra de quando era pequena: “Eu lia muitos livros e meus pais liam bastante para mim. Quando ia dormir sempre contavam alguma história para mim.”

E., de 13 anos, tem pais leitores e muitos livros em casa. Mas isso não quer dizer que seja um leitor. Ele afirma que não gosta de ler porque acha chato. “Por que todo livro no começo não é tão legal quanto no meio. Então eu começo a ficar entediado no começo e

acabo não continuando. Mas tem livros que eu gosto desde o começo e vou até o final. A ideia de que ler é chato, cansativo, aparece com frequência nas falas destes adolescentes. Tanto quando se referem a si próprios, como ao citar os colegas que não leem. Para muitos a necessidade de movimento e de som é fundamental. Ficar em silêncio também pode ser vivenciado com estranheza.

Ao mesmo tempo, E. acha que ler é importante e declara que a escola tinha que incentivá-los a ler, com livros adequados para sua idade, relacionados aos temas que estivessem estudando. Mas se dependesse da sua vontade a escola não indicaria livro nenhum para leitura...

Neste grupo são as meninas que mais gostam de ler. L. afirma que lê mais por lazer, porque acha muito legal ler. E é enfática em dizer que adora Dan Brown, o autor de *O Código da Vinci*. Acredita que ele seja seu autor favorito. É a primeira vez que aparece a categoria favorito que expressa maior proximidade com os livros e com a leitura. Só quem lê muito sabe dizer quem é seu favorito. Outra adolescente também com inicial L, de 14 anos, divaga sobre o que sente em relação à leitura.

Eu me sinto muito, mas muito feliz. Ah, sei lá, eu me sinto num mundinho só meu. É esquisito, mas é verdade. Por que às vezes, eu passo situações na vida que eu não gostaria de estar vivendo, aí eu fico pensando no livro, o que poderia estar acontecendo no livro. (...) Eu sinto um sensação louca quando estou lendo... Não sei por que, só sei que me sinto feliz. Acho que me identifico.

Sites, séries de TV, Youtube estão presentes em alguns depoimentos como é o caso de L. São atividades de lazer que aparecem associadas à leitura, como paralelas. Divertem, atraem e são tema de conversa. Sobre as chamadas mídias digitais, notei que quase todos tem Facebook, assim como email e Twiter. Nem todos tem computador próprio, mas todas as casas possuem pelo menos um. Celular também é outro objeto que os une. Todos tem mas ninguém lê no aparelho, apenas torpedos e alguns acessam internet.

Os amigos tem um lugar especial na juventude, ainda mais na adolescência. É um momento de ruptura, de afastamento da família e de seus modelos. Y. expressa em suas relações de amizade essa divisão. Seus pais gostam de ler, mas seus amigos quase não leem. Tem apenas um que lê muito. Já L. tem com os amigos e amigas uma relação que também passa pela leitura. E conta que teve uma certa dificuldade com o início de *O Código da Vinci*, estava achando chato, quando a amiga disse. "Cara, continua lendo que você vai amar, vai amar. Continua". Ela lembra: "Aí eu continuei e me apaixonei pelo livro. Agora,

Jogos vorazes, eu não gostei. E *Crepúsculo*, eu odiei. Eu li, li o começo e odiei... Achei muito, muito chato. Não gosto desses livros que viram febre.ö

Os livros indicados pela escola são sempre assunto de conversa. Uns gostam, outros detestam, como foi o caso de L. com *O Auto da Compadecida* de Ariano Suassuna. Ela se irritou com o livro, com a brincadeira. Fica impaciente com õter que ficar pensando o que o autor estava querendo dizer quando ele falou isso...ö Mas nem todas as obras indicadas pela escola são alvo de crítica. Para alguns *Irmão Coração de Leão* agradou e muitos estavam lendo na época da entrevista *O apanhador no campo de centeio* e gostando bastante.

A importância e o õperigoö da leitura obrigatória na escola são temas importantes para pensar sobre a disseminação da leitura e sua transformação em uma prática cultural na vida adulta. Mas, novamente voltando à pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (AMORIM,2008) vemos que a escola não tem contribuído para isso. Sabemos que quanto maior a escolaridade, mais tempo é dedicado à leitura dos livros. Por outro lado, ficou claro através da pesquisa que grande parte abandona o livro ao sair da escola. Ela não ajudou a criar leitores e não propiciou um vínculo entre livro e leitor que independa da obrigatoriedade e do ensino. A leitura não se tornou um hábito nem um prazer para uma grande parcela da população brasileira, segundo os dados deste levantamento. Não é por acaso que volta e meia ouvimos alguém dizendo que agora que saiu da escola não õprecisaö mais ler. Triste realidade.

Considerações finais

Neste texto procurei trazer alguns dados de uma pesquisa em andamento, assim como reflexões sobre as primeiras entrevistas realizadas. Ficou evidente que ainda são escassos os trabalhos sobre a leitura no Brasil e em especial sobre adolescentes. Há uma enorme carência de estudos, de pesquisas quantitativas e qualitativas. O Governo Federal através do projeto *Retratos da leitura no Brasil* (AMORIM, 2008) em suas diversas versões, vem procurando mapear este campo. É um desafio enorme e muito ainda precisa ser feito para chegarmos mais perto dos leitores e principalmente dos não leitores.

E se são raros os trabalhos sobre leitura em geral, mais ainda os que buscam usar metodologias como a etnografia e os estudos de recepção com seu foco no receptor e em sua fala. Os estudos de recepção, e os trabalhos da professora (JACKS, 2011) demonstram isso, tem se concentrado principalmente na televisão e em sua mais forte expressão: a

telenovela. O livro não tem presença significativa nos lares brasileiros nem no universo acadêmico.

Algumas breves conclusões foram possíveis nesta etapa da investigação. Há leitores em todas as escolas, sejam elas públicas ou particulares, mas de forma minoritária em quase todas elas. O que não vem a ser uma surpresa. Há mais leitores no círculo feminino do que no masculino e muitos consideram óchatoö ler.

Por outro lado, ficou evidente que os pais tem um papel muito importante na formação de filhos leitores. Não é equação matemática mas certamente pais leitores, que estimulam a leitura, que frequentam livrarias, tem livros em casa e tiveram o hábito de contar histórias quando os filhos eram pequenos, tem maior probabilidade de terem filhos leitores. Estes jovens adolescentes ganham e ganharam livros de presente em diversas ocasiões e de diferentes membros da família o que também reforça o lugar destinado ao livro nestes contextos.

Mas a leitura como uma obrigação e muito ligada à escola é vista pela grande parte dos estudantes como um problema. Eles precisam ser seduzidos pela leitura e a exigência atrapalha. Como a escola vem enfrentando esse desafio é certamente uma questão importante. Assim como o lugar da biblioteca. Esta não é um espaço valorizado pelos alunos que não a frequentam com regularidade.

E para que serve ler? Para muitos é uma fonte de prazer, de mergulhar em outro mundo, de se identificar com personagens desconhecidos e ampliar horizontes. Mas reconhecem que não é fácil nem simples. Adquirir o hábito da leitura também para eles é um desafio.

Referências bibliográficas

- ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis**. São Paulo: Ed. Scritta, 1994.
- AMORIM, Galeno.(org.) **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial-Instituto Pró-Livro, 2008.
- BORELLI, Sílvia. Helena. ãHarry Potter: conexões midiáticas, produção e circulação, cenários urbanos e juvenisö In: **XXX Congresso de Ciências da Comunicação**. Santos, 2007, p.1-15.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2009.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1975.
- BOURDIEU, Pierre. ãA juventude é apenas uma palavraö In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.
- BRAGANÇA, Anibal. & ABREU, Márcia. **Impresso no Brasil**. São Paulo: Ed.Unesp, 2010.
- CALLIGARIS, Contardo. **Adolescência**. São Paulo: Ed. PubliFolha, 2000.
- COELHO, Maria Claudia. **O valor das intenções**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.
- MAUSS, Marcel. ãEnsaio sobre a dádivaö. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Ed. EPU, 1974.
- PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. São Paulo. Ed. 34, 2008.
- TRAVANCAS, Isabel. **Juventude e televisão**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.
- VELHO, Gilberto. **Utopia urbana**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1989, 6ª edição.